
O Menino
e o
Fantasma da
Montanha
Luca Delgifely



N.: 312240874
WWW.REGISTRODEOBRAS.COM
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Índice

Agradecimentos....3
Dedicatória....4
Prefácio....5
Capítulo 1 - A caixa misteriosa no jardim lateral....6
Capítulo 2 - Na trilha dos ventos do medo....9
Capítulo 3 - Memórias fantasmagóricas....12
Capítulo 4 - Um fantasma para desvendar....16
Capítulo 5 - Balas não ferem demônios....20
Capítulo 6 – A casa paranormal....26
Capítulo 7 - Reencontrando demônios do passado....30
Capítulo 8 - Desconstrução....34
Capítulo 9 – Revelação....38
Sobre o Autor....43

Agradecimentos

Agradeço a minha amiga Tarsila Bastos Ribeiro que com sua maestria, profissionalismo e carinho depositou sua atenção e dedicação para a revisão e o prefácio deste livro.

Agradeço ao capista Rodrigo Antonio da RP Designers Produções que fielmente fez a leitura minuciosa da ideia projetada por mim para a capa do livro e executou em sua arte fazendo um trabalho incrível.

Agradeço ao trabalho da Talita Vallim que transformou todo conteúdo do manuscrito neste e-book livro através do seu excelente trabalho como diagramadora.

Agradeço aos familiares e amigos que sempre acreditaram que um dia eu poderia realizar este sonho e sempre me apoiaram.

E por fim agradeço a Deus, a vida, ao universo por me proporcionar a oportunidade de trazer as pessoas momentos únicos através da leitura.

Dedicatória

Dedico este livro aos meus filhos Samuel William, Giovanna e Felipe por serem o centro de inspiração e realização deste trabalho e de muitos que ainda virão.

Eu amo vocês do tamanho de Deus.

Prefácio

Caro leitor, o livro que você está prestes a ler não é para os fracos de coração! O menino e o Fantasma da Montanha é uma história de medo, suspense e muita adrenalina! Prepare-se para viver na pele as aventuras de Tony, um menino curioso e criativo que busca explorar os segredos de seu passado. Ao se deparar com uma caixa misteriosa deixada no quintal de sua casa, Tony parte rumo à trilha da montanha, caminho que o levará a confrontar fantasmas de sua memória e de sua imaginação - e alguns talvez até reais!

Uma narrativa que não só nos faz ficar de cabelos arrepiados, mas que também nos mostra o real significado da palavra família e a grande importância de cultivarmos amizades leais.

Tarsila Bastos Ribeiro

Capítulo 1 - A caixa misteriosa no jardim lateral.

Sempre que o dia raiava era possível ver, entre o capim molhado, a baixa fumaça que passeava rodeando a casa velha e dissipando-se entre as flores do jardim lateral.

A neblina queria ficar, mas era impossível, já que o sol a consumia entre as árvores secas e longas.

Tony, despertado pelo cheiro do café de sua madrinha, de um giro dentro dos lençóis e um pulo para sair da cama, coloca a camisa do pijama e desce para a cozinha batendo nos quadros de retratos antigos do corredor.

Seu olfato remete-o à lembrança de sua avó já falecida, que toda manhã fazia seu café com torradas e amêndoas, o mesmo que sua madrinha faz, repetindo a tradição.

- Para tudo, que esse café perturbou o meu sono e quase que como os lençóis de tanta fome, madrinha Susan. - diz Tony puxando o banquinho de madeira e sentando-se à mesa toda desarrumada.

- Bom dia, Tony, pelo visto dormiu tarde ontem, não é, rapazinho? - tirando as torradas do forno a lenha, coloca-as sobre a mesa.

Tony estava faminto e, sem esperar ou perceber que a forma de torradas estava quente, pega uma torrada e se queima.

- Ai, ai! Meu Deus do céu, madrinha, que quentura! - e joga torrada na mesa, balançando as mãos e assoprando.

- Você, sempre apressado, parece até seu pai! Ele que era assim, metia as mãos pelos pés o tempo todo. Agora deixe de bobeira e coma, coma tudo porque o dia está cheio hoje. Preciso descer à cidade para comprar algumas coisas e depois vou visitar sua tia Ilda no hospital - após colocar o café nas xícaras, passa a mão sobre a cabeça apertando o nó do seu turbante estampado.

Tony, por um minuto, fica olhando para sua madrinha como se seus pensamentos o transportassem para anos atrás.

Enquanto sua madrinha falava do estado de saúde de sua tia, Tony ouvia apenas vozes de eco misturadas em sua mente. Na verdade, a preocupação com a saúde da tia Ilda o afligia todos os dias.

Como poderia uma mulher de vinte e sete anos ficar tão doente, de forma tão repentina e sem que nenhum médico descobrisse a causa?

Entre seus pensamentos, misturados com o gosto do café da madrinha, Tony se levanta do banquinho.

- Madrinha, hoje fiquei de capinar o jardim lateral. Vou iniciar cedo porque à tarde gostaria de sair para fazer trilha no pé da montanha. –o menino deixa a xícara de café pela metade e leva consigo a torrada cheia de amêndoas.

- Ok, Tony, mas, por favor, não suba a montanha, você sabe que não é nada seguro andar por aquelas redondezas sozinho. Histórias ruins rondam a região e...

- Madrinha, a senhora acredita mesmo nesses contos bizarros? - Tony a interrompe rindo e vai se afastando. – Mas, tudo bem, madrinha, terei cuidado, porém primeiro vou cuidar do jardim, está uma bagunça e acho que noite passada os texugos acabaram com a plantação. - Tony sai cantarolando a caminho do jardim lateral.

Madrinha Susan, bebendo lentamente seu café, diz para si mesma em tom baixo e preocupada:

- Que sejam apenas histórias bizarras, meu querido, coisa que duvido, mas que seja! Bem, deixa-me ir logo. – ela se levanta e vai até o armário ao lado da porta da sala, pega sua bolsa e as chaves da caminhonete.

- Tony, cuide de tudo, querido - grita ao entrar na caminhonete, saindo com o som do rádio bem alto.

O Sol tímido brigava com as nuvens carregadas levadas pelo vento que soprava em direção à montanha.

Tony pega as ferramentas de trabalho e começa, então, a limpar o jardim lateral, mas a bagunça é tanta, que fica difícil separar o lixo das folhas.

À medida que Tony vai ajeitando o jardim, seus olhos procuram, como que sozinhos, mirar na montanha pela curiosidade de querer quebrar as regras e ultrapassar os limites estabelecidos pela madrinha.

No canto ao pé da casa havia muita bagunça, o que atrapalhava a passagem para o portão que levava à parte de trás da velha casa.

Com certeza, o trabalho seria duro e exaustivo.

- Como pode um jardim ficar tão bagunçado e sujo? Fica difícil acreditar que texugos tenham causado tanta bagunça! - irritado e resmungando, puxa a sujeira para o centro do jardim.

Após algumas horas limpando, Tony se senta próximo à cerca que divide o jardim e o celeiro.

Fitando os esquilos que brincavam escondendo nozes, esquece do mundo a sua volta e cai no sono.

Em uma visão de sonhos embaçados, Tony parece flutuar por cima do cercado e paira sobre o campo em direção à montanha. Prestes a ultrapassar o limite da madrinha Susan, ele ouve uma voz tenebrosa dizendo: “A caixa!”

Ele acorda assustado e, ao olhar para perto do portão, vê um monte de lixo revirado comum a caixa de madeira queimada no meio.

Seus pensamentos entram em turbulência e a curiosidade o leva de imediato a pegar a caixa, que era leve e tinha um cadeado com uma chave pendurada.

- O que levaria alguém a deixar uma caixa com a chave pendurada? E, espere aí! Onde estava ela, que eu não vi? Limpei esse jardim todo e não a vi aqui. –o garoto fica assustado e com medo.- Tem alguém aí? - pergunta em média voz.- Bem, acho que não, se alguém a perdeu, irá se dar conta da falta e virá procurar. Deixe-me sair daqui.

Tony sai em disparada para o celeiro e, sem perda de tempo, abre a caixa. Dentro havia um medalhão de colar com a foto de uma família desconhecida, uma carta e uma bússola. Um tanto estranho e, como Tony dizia, *bizarro*.

Então, ele inicia a leitura da carta!

Ao ler, não tem como voltar atrás. Agora, ou você irá ou não irá mais a lugar algum.

Passam-se séculos, anos e dias, mas não passa mais deste dia, pois você faz parte do meu dia, Antony!

A montanha não dorme mais e o segredo agora é revelado, a bússola te guiará e o medalhão te protegerá, se no caminho ela não parar, com sorte poderá voltar.

Não adianta gritar ou correr, você foi escolhido para viver, e não morrer; mas, como mamãe lançou, um dos três irá viver.

- Que porcaria é essa? Que carta é essa? Que besteira é essa?–grita o menino.

Após várias sequencia de gritos, um vento gelado sopra da montanha com sons de gemidos e risadas chamando seu nome. - Tony, Tony, Tony...

- Chega! - grita, cortando sua própria voz e faz silêncio.

Tony olha para a bússola, que acende e aponta para a montanha. Sua visão não alcança mais a velha casa da madrinha, nem o jardim lateral e nem o cercado, apenas a montanha, que parecia chamá-lo!

Capítulo 2 - Na trilha dos ventos do medo

Por qual razão Tony foi escolhido pela montanha?

A resposta estava nos três elementos que Tony carregava a caminho dela. A cada passo que dava, o sol já não era mais visto, pois as árvores secas e compridas impediam sua luz de clarear o caminho. *Flashbacks* o confrontavam todas as vezes que Tony olhava para o medalhão antigo e enferrujado com a foto de uma família estranha.

- Está ficando frio e já deve passar das cinco da tarde, a madrinha, com certeza, voltou e deve estar muito zangada com a minha ausência no café da tarde - olhando para o alto, fica perdido entre as árvores e o vento que corta a floresta tocando nas rochas e fendas em seu caminho.

- Não sei onde estava com a cabeça em acreditar nisso tudo e vir até aqui. Devo ser um idiota mesmo, muito bizarro tudo isso, bizarro, claro. Minha Madrinha vai enlouquecer de saber que vim aqui, ultrapassei o limite... ah, quer saber? Não vou ficar pensando nisso, não, já estou aqui mesmo. - Tony percebe que o dia se despede tímido e o frio chega aparecido, querendo seu espaço, trazendo ventos que amedrontam Tony a cada passo que dá em direção à montanha.

Em certo momento, Tony avista uma árvore gorda e, pelo que parece, a maior de todas, seu casco velho mostra marcas de garras em três partes, Tony arregala os olhos tentando imaginar que possível fera poderia ter deixado tal rastro. Suas pernas estão trêmulas e suas mãos estão suando demasiadamente.

- Um urso passou por aqui, mas, espere, não estamos em época de ursos na região, pode ser que seja um tigre ou uma raposa com raiva. - Tony pensa - Raposa seria impossível, seu bobão!– Curioso, ele rodeia a árvore lentamente, o vento começa a incomodar, pois o barulho do ruído é como de almas gemendo à procura de ajuda. Suas mãos tocam a árvore quando, no mesmo momento, o medalhão parte a tremer e a bússola acende, apontando para a árvore.

Tony respira lenta e profundamente, até que para com as mãos sobre as marcas de garras na árvore e fecha os olhos, um grande grito invade a floresta vindo de longe e, chegando perto de Tony, deixa-o surdo – Socorro! – E, como num eco cortado, o grito desaparece com um bafo no pé do ouvido de Tony, que sem forças cai no pé da grande árvore.

- Isso só pode ser alguma brincadeira de mau gosto daqueles moleques filhos do senhor Pedro, sussurra baixinho olhando para todos os lados - Quando eu voltar para casa, eles irão pagar por tudo isso, não vou deixar barato, bobões, trouxas, ridículos e loucos, isso que são, loucos!– Levantando-se do chão, apóia na árvore e percebe que as marcas das garras já não estão mais lá.

- Impossível isso, inacreditável! - Alisa a árvore procurando as marcas - Devo estar ficando louco, insano, isso sim! - Vai se afastando da árvore lentamente. - Quer saber, cansei dessa palhaçada, vou voltar agora. – E, quando se vira para querer correr, um vento forte o envolve com vozes replicando em sua mente e ouvidos: